



# Entrevista com Inês Martina Lersch

*Entrevista, edição e revisão: Vicente Fonseca  
Transcrição: Ana Julia Zanotto e Gabriela Sardi*

Inês Martina Lersch é uma extensionista entusiasmada. Tanto que, desta vez, decidimos publicar até mesmo a saudação inicial de agradecimento que fazemos a cada entrevistado aqui na Revista da Extensão, mas que normalmente suprimimos por questão de espaço. O motivo é simples, porém nobre: demonstrar desde o início a empolgação da Professora Martina - como é carinhosamente conhecida na Faculdade de Arquitetura e entre os extensionistas da UFRGS - pela extensão, a partir de uma verdadeira declaração de amor à extensão que ela dá logo nos primeiros minutos de nossa conversa. Dona de uma trajetória que une ensino, pesquisa e extensão de maneira extremamente integrada, ela nos concedeu esta entrevista na qual resgata sua trajetória desde os tempos de estudante, mostrando como sua relação, como docente e com a extensão, evoluiu em três décadas de vínculo com a UFRGS, que se completam em 2022.

**Revista da Extensão:** Boa tarde, professora Martina. Muito obrigado por aceitar o nosso convite!

**Inês Martina Lersch:** Boa tarde! Eu que agradeço! Para mim é uma grande honra poder dar essa entrevista e trazer alguns depoimentos com relação à minha trajetória na Faculdade de Arquitetura, primeiramente como aluna, desde 1992 e, como servidora pública, professora, pesquisadora e extensionista, desde 2006. Eu sou muito feliz na extensão universitária! Não abro mão de poder levar todas as atividades, tanto de graduação, quanto de pesquisa, junto com a extensão, porque a extensão me retroalimenta, com relação a aspectos teórico-conceituais, que eu procuro levar para a sala de aula e também para as discussões, com os alunos de iniciação científica, de mestrado e doutorado, na pesquisa. De fato, eu não conseguiria traçar uma trajetória acadêmica sem as atividades da extensão.

**Revista da Extensão:** E como foi o começo desta história? Por que a Arquitetura?

**Inês Martina Lersch:** Eu entrei na UFRGS no primeiro semestre de 1992. Escolhi o curso de Arquitetura e Urbanismo por causa do gosto pelo desenho. Lembro que no hall da Faculdade de Arquitetura havia um totem com todo o currículo do curso, e se verificava ali que nos primeiros semestres já eram oferecidas disciplinas de expressão gráfica. Eu não fazia ideia ainda do que se tratava, por exemplo, o Urbanismo. Curiosamente, hoje estou chefe do Departamento de Urbanismo. Na época eu não tinha noção, mas à medida que avançava na minha formação acadêmica, fui me dando conta de que a Arquitetura não era só desenho, mas que o desenho era o modo pelo qual a gente expressava as nossas ideias, enquanto soluções de projeto.

**Revista da Extensão:** A tua trajetória como extensionista é muito ligada a questões

sociais. Quando na tua formação este outro lado do curso de Arquitetura e Urbanismo te despertou?

**Inês Martina Lersch:** No meu caso, foi a partir do quinto semestre. Como o currículo mudou da minha época de estudante para cá, hoje em dia isso ocorre mais cedo - no segundo ou terceiro semestre os alunos começam a ter mais contato com as questões de práticas sociais - disciplinas, inclusive, de história da cidade e do Urbanismo. Essa é uma disciplina que eu ministro, por sinal: Evolução Urbana, na quarta etapa do curso. E à medida que eu fui avançando nas disciplinas que tratavam sobre a escala urbana, acabei me identificando bastante. A pesquisa, na iniciação científica, já no terceiro semestre, e, logo em seguida, um ou dois semestres depois, com a extensão universitária, me deram uma noção mais clara do que se tratava o termo Urbanismo e a formação em Urbanismo. De modo que, ao longo dessa trajetória, depois me formando, fazendo mestrado e doutorado, é que eu realmente fiquei plenamente identificada com o tema cidade e escala. Hoje, eu atuo bem mais no campo do Urbanismo.

**Revista da Extensão:** Foi na pós-graduação que esta identificação com o Urbanismo se consolidou?

**Inês Martina Lersch:** Principalmente no doutorado. Meu mestrado foi na Engenharia Civil, no campo da construção, com um tema bem voltado para a preservação do patrimônio cultural edificado. A seguir, fui para a escala urbana: atravessei a rua, como eu digo, e fui fazer o doutorado no PROPUR (NR: Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da UFRGS). E acho que a extensão universitária tem um papel crucial nessa minha trajetória, porque através dela é que a gente, na maioria das vezes, sai da sala de aula para ver a cidade, as obras urbanas, as intervenções na escala urbana ou a visitar

um parque, numa disciplina, muitas vezes, de paisagismo. Isso ampliou essa dimensão da relação das edificações, que elas não estão isoladas, sozinhas. Não são uma maquete só do edifício, mas estão inseridas no contexto urbano. Sob esse ponto de vista, a extensão me ajudou bastante a definir a minha área de atuação profissional.

**Revista da Extensão:** E o que a experiência como bolsista de extensão trouxe para a tua formação e também para tua trajetória como professora?

**Inês Martina Lersch:** Eu não cheguei a ser bolsista de extensão! (risos) No terceiro ano da faculdade eu fui bolsista de iniciação científica - a pesquisa é a minha escola. Fui recebida pela professora Célia Ferraz de Souza, já no terceiro semestre, e fiquei com ela dois anos. No primeiro ano, 1994, eu fui bolsista da PROPESQ (NR: Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRGS) quando ganhei o prêmio de jovem pesquisadora no Salão de Iniciação Científica. No segundo ano fui bolsista do CNPq. Depois, fui para a FABICO (NR: Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS), onde fiz formação em fotografia e fui por dois anos bolsista CNPq no Núcleo de Fotografia. Foi aí que a coisa começou a derivar para a extensão. A Célia mantinha sempre no Gabinete de Estudos e Documentação em Urbanismo (GEDURB) de iniciação científica, de extensão e monitores. Ela sempre tratou esse grupo de estudantes, ela sempre fomentou muito e incentivou muito esse grupo de estudantes.

**Revista da Extensão:** Então foi nesta relação com bolsistas de extensão que teve início a tua relação com a extensão universitária?

**Inês Martina Lersch:** Junto dos bolsistas extensão e dos monitores. A Célia acolhia os estudantes no gabinete e a gente convivia nesses três âmbitos. Então eu me lembro de ter ido para um SEURS (NR: Seminário de Extensão

Universitária da Região Sul) em Curitiba, em 1995. Não apresentei trabalho, mas, sendo Curitiba um tema interessante para arquitetos urbanistas, eu acompanhei a professora Célia, a professora Maria Almeida e a nossa bolsista Cristina Bersano, que era bolsista de extensão na época. Lembro também de lá na FABICO a gente trabalhar no Núcleo de Fotografia com extensão universitária, mesmo a gente sendo bolsista do CNPq, com a Professora Ana Maria Dalla Zen e o Mário Bitt Monteiro, que também tinha esse convívio de professores, substitutos, bolsistas de pesquisa, bolsistas de extensão. Eu sempre tive muito essa experiência acadêmica de conviver com os bolsistas.



já que o objetivo era a divulgação dessa paisagem por meio de fôlderes e exposições.

Equipe do Núcleo de Fotografia da FABICO em expedição a São José dos Ausentes, em 1997

**Revista da Extensão:** E como foi essa experiência na FABICO? O que dá para destacar entre os aspectos que ela agregou para a tua trajetória?

**Inês Martina Lersch:** Eu participei do Povo e Paisagens, de São José dos Ausentes. Fomos duas vezes para lá. A gente passava dois ou três dias lá em cima, uma viagem de quatro ou cinco horas, às vezes até mais, em uma van. Acordávamos de madrugada, para ainda pegar o sol nascendo, aquela bruma, visitar

**Revista da Extensão:** Foi a partir desta experiência, então, que o respeito ao saber das comunidades para o fazer extensionista apareceu para ti pela primeira vez?

**Inês Martina Lersch:** Esse respeito por qualquer que seja o grupo que a gente fosse interagir, essa humildade de chegar e aprender também com eles. Desde essas primeiras experiências de extensão, para mim isso sempre foi muito marcante.



**Revista da Extensão:** E em termos acadêmicos, para a tua formação na Faculdade de Arquitetura, o que mais esta experiência com fotografia e comunicação te acrescentou?

**Inês Martina Lersch:** Atuando na Fabico em 1996 e 1997 a gente também ajudou na construção do Atlas Ambiental. Lembro de termos duplas de alunos que iam fotografar determinados temas. A minha dupla era Daniela Picoral, e o nosso tema era arborização urbana. A gente tinha um cronograma e a atribuição de registrar quais as praças e as ruas de Porto Alegre que tinham exemplares de certas espécies de vegetação que estariam floridas, então o professor Paulo Backes nos guiava, nos dava a informação “olha, essa semana tal e tal rua estão com jacarandás floridos, daqui a pouco uma praça lá na zona sul está com uma determinada espécie de vegetação, vão lá registrar”. A gente passou um ano e tanto fazendo esses registros de arborização urbana. O Atlas foi mais no campo da pesquisa, não lembro se foi registrado como extensão. Mas, de qualquer modo, é sobre sair da sala de aula, conseguir aplicar o conhecimento obtido nela (no caso ali de fotografia), para contribuir com uma construção de conhecimento, um registro, e juntar o conhecimento dos especialistas. O Atlas é um grande exemplo de trabalho de vários especialistas, seja na história da cidade, seja na questão da Geologia, Ecologia, enfim, vários temas que ele apresenta.

**Revista da Extensão:** Houve mais alguma experiência com a extensão em seu período como estudante de graduação?

**Inês Martina Lersch:** Além desse, tivemos um com a professora Célia Ferraz, um projeto de extensão que está fazendo 25 anos. Foi uma viagem de estudos a Portugal, em 1996. Nós nos organizamos financeiramente, antes mesmo de ter Ciência Sem Fronteiras ou qualquer outro programa maior. Primeiro, realizamos uma viagem de estudos rápida, numa

disciplina de evolução urbana no Brasil. Visitamos Montevidéu e Colônia do Sacramento, para justamente compreender essa relação da formação das cidades aqui na América do Sul, a relação com os nossos vizinhos, a importância, a compreensão da fundação de Colônia do Sacramento por conta das disputas entre colonizadores espanhóis e portugueses. Ali a gente começou a alimentar uma ideia de “poxa vida, já que a gente veio aqui ver isso, por que a gente não consegue organizar uma coisa maior, para estudar cidade, arquitetura e urbanismo português e as suas relações com arquitetura e urbanismo que vem por intermédio dos colonizadores para o Brasil, para o sul do país também? Vamos empreender isso!”. E realmente a gente conseguiu, no final de maio de 1996. Tudo foi registrado como extensão universitária, nós fomos inclusive recebidos na Pró-Reitoria de Extensão na época. Foram 21 dias, conhecendo primeiro Lisboa e depois cidades do interior. Fizemos registros em preto e branco, em slides para o acervo da disciplina de história da cidade. Um engajamento, não só dos professores, mas dos alunos também. Outra pessoa que não pode deixar de ser citada, que infelizmente perdemos muito cedo, foi o professor José Albano Volkmer. Ele me patrocinou um dos rolos de fotogramas para slide. E eu lembro que eu rebobinei, fui lá no núcleo de fotografia com equipamento para rebobinar, fiz os rolinhos. O Albano, como professor de história da arquitetura no Brasil, tinha o maior interesse de ter esses registros da arquitetura em Portugal, inclusive para suas aulas.

**Revista da Extensão:** E como foi no retorno após estas duas experiências?

**Inês Martina Lersch:** No retorno, concluindo a bolsa na Fabico, eu me vinculo ao professor Albano para continuar fazendo projetos de extensão com ele. E aqui vem uma outra história que eu acho muito maluca, porque daí a gente foi empreender quase que um programa de povo e paisagem de Santo Antônio da

Patrulha. Fomos algumas vezes para lá. A gente pegava o próprio carro, ou do professor Albano, ou de algum colega que já tinha carro, e íamos a Santo Antônio, realizando levantamentos métricos cadastrais nas casas da parte alta da cidade, que tem a formação portuguesa. Fazíamos desenhos das fachadas. Nas sextas-feiras, às vezes à noite, ou nós éramos recebidos na casa de moradores para tomar um café, e isso também não foi um grupo pequeno: chegamos uma vez em oito ou nove alunos. Inclusive, vários deles hoje são professores. Acho que cada um desses docentes que eu citei, a Célia, a Ana Maria, o Monteiro, o Albano, plantaram sementes que hoje estão frutificando. Para mim é um grande prazer encontrar esses colegas em outras universidades. Em Santo Antônio da Patrulha, chegamos a inaugurar a Casa da UFRGS, espaço dedicado à extensão universitária, com a presença da Professora Wrana Panizzi, então reitora. Também lá em Santo Antônio, a gente chegou a participar de um evento de professores das escolas municipais, para falar um pouco sobre a importância do patrimônio arquitetônico português, açoriano, para a cidade, no sentido de trabalhar com a educação patrimonial. E nós não tínhamos bolsa. Por isso que eu te falo: das vezes que eu atuei como aluna, nunca fui bolsista de extensão. O que a prefeitura de Santo Antônio fazia era pagar diárias para gente numa pousada, refeições, era quase uma ajuda de custo. Mas pra nós, que éramos alunos de graduação, tudo valia. Então o professor Albano foi uma pessoa essencial, e a extensão universitária uma parte muito importante da minha formação.

**Revista da Extensão:** E após a formatura? Conseguiu manter algum contato com a extensão na pós-graduação?

**Inês Martina Lersch:** durante o mestrado, tive de me desligar um tempo da extensão, porque tinha metas, prazos. Então, passei num concurso para professora substituta na

expressão gráfica. Atuei nos primeiros semestres, tanto das engenharias como na Arquitetura, nas disciplinas de desenho e desenho técnico. Isso foi em 2002, 2003 e 2004.

Aí, terminou meu período de professora substituta (não deu tempo de fazer extensão nessa função) e acabei sendo chamada para trabalhar no Setor de Patrimônio Histórico (SPH) da UFRGS, ou seja, eu nunca me desvinculei da UFRGS, na verdade. Foi um trabalho técnico, mas no qual tu não deixas de fazer essa troca, porque tu está ali nesse caminho de duas vias, universidade e sociedade, mas também com vários técnico-administrativos, servidores, professores, porque a gente precisava fazer levantamentos métricos cadastrais, dialogar com as pessoas dos laboratórios. Ali eu conheci muita gente da comunidade universitária e fiquei ali agosto de 2005 até abril de 2006. Foi uma época muito bacana, e é por isso que eu digo: a UFRGS foi minha casa sempre. Foi quando eu fiquei grávida e, no SPH, as meninas fizeram o chá de fraldas do Gui, meu filho, que hoje está com 16 anos. Aí, fiz o concurso para docente em 2005. Em setembro de 2006 eu fui chamada, veio a minha vaga. Então, eu assumi como professora no Departamento de Expressão Gráfica.

**Revista da Extensão:** Chegava então o momento de retomar o contato com extensão, enfim...

**Inês Martina Lersch:** Por seis anos, eu dei aula nas disciplinas iniciais da Faculdade de Arquitetura, em disciplinas de desenho e expressão gráfica. E logo de cara, ali no primeiro, segundo ano, eu montei o projeto de extensão. Fui para a Secretaria de Educação à Distância da UFRGS (SEAD) para fazer cursos, porque eu sabia que essa questão do ensino remoto, do desenvolvimento de objetos de aprendizagem, seria uma tônica do Século 21, então me lembro que eu fui à SEAD fazer formação em objetos de aprendizagem e fui para a extensão universitária, tinha deixado até um pouco a

pesquisa de lado. Fui fazer o doutorado só em 2010 - eu venci primeiro o estágio probatório para depois fazer o doutorado. Uma coisa de cada vez, até porque eu estava com um nenê pequeno em casa, e aí o projeto de extensão que eu montei foi vinculado ao meu tema de mestrado e ao SPH. Nós tínhamos por meio do professor Hélio Greven, meu orientador de mestrado, um contato com um pesquisador, um profissional do campo de patrimônio do sul da Alemanha, mais precisamente em Munique, e ele estava vindo ao Brasil. Assim, houve dois projetos que eu montei de cara: um foi sobre todo o processo de levantamento métrico, cadastral, de danos e fotográfico para desenvolver um projeto arquitetônico de restauração - o projeto de extensão instrumentalizava alunos de graduação ou a comunidade em geral para desenvolver todos esses documentos que precisam ser feitos para apresentar um projeto arquitetônico, de restauração. Esse foi o primeiro. Depois, com a vinda do professor Jorg Seele da Alemanha, nós fizemos um curso com outro público - me lembro enchemos o auditório da Faculdade de Arquitetura, 90 pessoas, uma semana inteira, de segunda a sexta, todas as tardes, com tradução simultânea. Tivemos desde já essa compreensão de que a universidade, se a gente quer como pública, autônoma, com construção de conhecimento, com pesquisa sendo desenvolvida, com a participação da sociedade, não tem como entender um tripé de três pernas separadas, sinceramente. Ensino, pesquisa, extensão e, hoje, a inovação, na minha compreensão, não são gavetinhas separadas, por mais que sejam separadas em pró-reitorias.

**Revista da Extensão:** Tu tiveste uma formação bem rica e intensa, principalmente como estudante. Citaste experiências com Engenharia, História, Fotografia, e essas visitas de campo não deixam de ser Antropologia, Sociologia, Cultura... como tu fazes para mexer esse caldeirão todo de áreas diferentes?

**Inês Martina Lersch:** Se tu fores ver as diretrizes da formação do arquiteto urbanista, tu vais ver lá que nós formamos profissionais generalistas. É justamente por isso: o nosso campo de atuação requer que a gente tenha um embasamento de história da arte, de história da arquitetura, de história da cidade. Inclusive, no meu currículo como aluna isso tudo eram disciplinas separadas. Além dessa formação generalista, nós temos todo um grupo de disciplinas que são as técnicas, desde cálculo, resistência, estruturas, concreto, materiais de construção, prática de obras... ou seja: tem todo um lado técnico, e outro ainda de capacidade projetual de metodologias de projeto, tanto arquitetônico quanto urbanístico. De modo que tu aprende a trabalhar em várias escalas. A gente é capacitado para desenhar objetos, casas, edifícios e a cidade. A gente acaba sendo treinado para ter essa capacidade de lidar com diferentes escalas. E aí vem a tríade vitruviana, que a gente fala, que são os três elementos fundamentais da arquitetura. A gente transita por esses três elementos para podermos desenvolver as soluções projetuais. E cada um desses três elementos requer que nós não só tenhamos as disciplinas na graduação e na formação, mas que a gente se interesse por esses aspectos. Além disso, há também as viagens. Sou de Santa Cruz do Sul, e meu pai sempre nos levou, nem que fosse pra conhecer a cidade do lado, ou conhecer alguém que fosse mais para o interior. Como ele circulou com a gente no interior do estado, quando eu dou aula de Evolução Urbana no Brasil, existe uma parte da disciplina que fala sobre as cidades do Rio Grande do Sul, e pra mim é natural falar delas. Hoje, como pesquisadora em congressos, eu tenho a oportunidade de visitar muitos lugares no Brasil ou fora, e aproveito para também ver o núcleo inicial da cidade, circular pelo que tem ali de arte, cultura, o que que está acontecendo em volta... isso tudo é inerente à formação do arquiteto. A gente não consegue se furtar, assim, de ter essa visão mais ampla. E isso a gente transmite para os alunos:



Professora Martina e bolsistas do projeto de extensão Escritório Modelo Albano Volkmer durante o Salão de Extensão da UFRGS, em outubro de 2017

essa relação, então, não só de falar do edifício isolado, não, mas de relacionar o edifício com o seu contexto urbano na cidade brasileira, essa é uma disciplina que eu dou na Pós-Graduação. Quando vamos para a escala do urbano torna-se necessário ter essa visão mais ampla.

**Revista da Extensão:** Tu citaste várias vezes que a UFRGS é a tua casa. Como foi o começo desse amor todo?

**Inês Martina Lersch:** Foi uma exposição, que eu vi na Universidade, no salão do segundo andar da Reitoria, que me instigou a vir estudar na UFRGS. No Ensino Médio, o colégio onde eu estudava, fez três visitas: uma foi a Universidade Federal de Santa Maria; outra foi para a Unisinos; e a outra para a UFRGS. E quando nós viemos na UFRGS tinha uma exposição

sobre o Leonardo da Vinci. Lembro de ver maquetes. Isso deve ter sido em 1989 ou 1990. Ali eu disse "cara, é aqui que eu quero estudar". Mas nunca imaginei que seria também aonde eu fosse depois lecionar.

**Revista da Extensão:** Esta exposição provavelmente foi do Museu da UFRGS, né? O Museu ficava ali naquela época.

**Inês Martina Lersch:** Exatamente. Aquilo ali foi muito impressionante, aquela visita me marcou demais. Eu nunca imaginei que depois a UFRGS fosse fazer tanto parte da minha vida, a ponto de eu dizer que é a minha casa. Já foram 15 anos como professora. Em 2013, com a aposentadoria da professora Célia Ferraz de Souza, com quem eu fiz iniciação científica lá em 1994 e 1995, eu migrei do Departamento



de Expressão Gráfica para o de Urbanismo. E sempre coloco no meu plano de trabalho, no cronograma, as saídas a campo, a gente faz a pé o percurso no centro da cidade. Então, estou conseguindo, no Departamento de Urbanismo, desde 2013/2014, desenvolver não só projetos de pesquisa, mas projetos de extensão voltados para a questão da escala urbana. Em 2017, já então tendo como colega o querido professor Bruno César Euphrasio de Mello. Com o Professor João Farias Rovati, em 2015, realizamos o projeto de extensão/curso Formação Continuada em Planejamento Urbano e Regional. Ao longo de todo o ano, realizamos atividades com alunos de graduação, pós-graduação e egressos sobre temas inerentes aos estudos urbanos. Havia encontros presenciais, mas a gente já estava usando o Moodle para atividades virtuais de egressos da faculdade, alunos de graduação, mestrando, em discussões de textos sobre urbanismo. E desde 2017, juntos, eu, Bruno e João nos dedicamos ao Projeto Práticas Urbanas Emergentes, que tem dois livros publicados. O primeiro deles foi publicado em 2019, com apoio de fomento da Pró-Reitoria de Extensão.

**Revista da Extensão:** Vamos então falar mais sobre o Práticas Urbanas Emergentes? O que dizer deste projeto de extensão?

**Inês Martina Lersch:** No final de 2017 nós criamos este projeto, que passa a atuar em 2018. A primeira metodologia a gente foi, na verdade, elaborar à medida que a coisa foi nascendo, criando, à base de muito diálogo entre eu, o João Rovati e o Bruno Mello. Num primeiro momento, a intenção com esse nome Práticas Urbanas Emergentes era trazer para discussão temas, como o próprio nome diz, emergentes, temas do urbano, da cidade, que muitas vezes já estão acontecendo. A cidade já acolhe essas ações, mas talvez muitas delas não estão ainda nos nossos livros. E a nossa ideia, então, primeiro foi reunir, convidar os alunos em um primeiro momento. Em março

de 2018, fizemos convites a alunos dizendo que iríamos começar o projeto de extensão. Naquele primeiro encontro nós já tivemos um grupo bem significativo, não lembro se foram 18 ou 20 alunos. Ali já conversamos com os alunos, no sentido de perguntar: a que tipos de ações que acontecem na cidade nós podemos nos dedicar a observar, estudar, olhar e principalmente participar? Então, a ideia do Práticas nunca foi de a gente, por exemplo, ir como no museu, só olhar, observar. Não! Sempre foi fazer junto.

**Revista da Extensão:** Como funciona a atuação do projeto, esta prática?

**Inês Martina Lersch:** Criamos a seguinte metodologia: iríamos naquele primeiro ano, por sugestão dos alunos, colocando no quadro negro os vários temas que estavam surgindo. Eu me lembro que surgiu a questão das hortas urbanas, do cicloativismo, das ocupações urbanas, dos assentamentos urbanos, dos coletivos que promovem a alimentação de pessoas em condição de rua, a própria situação de pessoas em condição de rua... vários temas que naquele momento os alunos levantaram. Poxa, isso a gente não vê na graduação, e são temas que o arquiteto urbanista não pode fechar os olhos, porque a cidade do cotidiano está acontecendo ali. Eu boto o pé, eu saio do elevador, passo pelo hall do edifício, está ali na rua: as pessoas dormindo na praça, a carrocinha do coletor, do rapaz que coleta papelão - aliás, esse também foi um tema, a questão da coleta e do processo de reciclagem do lixo. Seleccionamos cerca de dez temas, dos quais escolhemos três para aquele primeiro momento, democraticamente, por votação. Naquele primeiro ano a gente trabalhou a questão da agroecologia, hortas urbanas, e é natural que de um tema surjam muitas questões, como, por exemplo: como as pessoas na cidade estão se alimentando? Como é a qualidade dessa alimentação? O que significa produzir alimentos orgânicos? Qual é a proximidade dessas terras rurais que

estão produzindo alimentos para a cidade, qual é a proximidade ou distância? Quanto custa produzir alimento para quem mora na cidade? Ou, em seu processo de expansão, o quanto a cidade está avançando sobre as áreas rurais? E tudo isso foi tema: o quanto a especulação imobiliária está atingindo as áreas de produção cultural, produção de alimentos. Tivemos oportunidade, então, de visitar o Sítio Arvo-recer, que fica ali perto da Hípica. Passamos um dia inteiro lá, vivemos este método de fazer, experienciar, ter a vivência. Capinamos juntos, ajudamos, aprendemos a plantar bananeira. Foi muito bacana. Daí surgiu essa ideia: vamos incentivar os alunos a observar, a fotografar, a desenhar, a fazer anotações. Isso também faz parte da metodologia.

**Revista da Extensão:** Foi daí que surgiu a ideia do livro sobre o projeto?

**Inês Martina Lersch:** Sim. A gente queria um retorno, que eles produzissem a partir das percepções deles. Então o livro é todo assim, composto pelos desenhos, pelas fotografias, por escritas, por poesias dos alunos participantes do projeto de extensão. Tínhamos esse caminho de duas vias: primeiro a vivência, e depois a gente convidava aquelas pessoas que nos receberam lá para vir para a Universidade, para a oficina, onde realizávamos as discussões a partir da teoria. Discutimos agroecologia, artes urbanas, a questão dos assentamentos, das ocupações e das remoções.



Lançamento do livro  
Práticas Urbanas  
Emergentes,  
em setembro de 2019



Ações do projeto Práticas Urbanas Emergentes durante a pandemia de Covid-19, na Vila Nazaré, em Porto Alegre



**Revista da Extensão:** Foi aí que ocorreu a aproximação de vocês com a comunidade da Vila Nazaré?

**Inês Martina Lersch:** Exatamente. A Vila Nazaré é uma área urbana consolidada desde os anos 1950, 1960, que vinha sofrendo nos anos de 2018 e 2019 um processo de remoção daquela população, daquelas famílias, por conta da expansão da pista do aeroporto. Famílias que estavam ali há duas, três gerações, foram removidas para bairros da cidade distantes do seu lugar de trabalho ou do centro da cidade. Como a grande maioria é coletor de resíduos sólidos para reciclagem, estavam há a cinco ou seis quilômetros do centro e, de um dia para o outro, foram colocados a dez quilômetros de distância. No momento em que tu removes uma comunidade, tu desfazes o tecido social, desmanchas essa relação de vizinhança onde antes havia, talvez, uma mãe ou uma tia que cuidava dos filhos da vizinhança, ou os seus próprios filhos. Aí, de repente, essas famílias ficam dispersas pela cidade. A comunidade foi dividida em dois novos assentamentos.

**Revista da Extensão:** Falaste na agroecologia e nas hortas urbanas. Qual seria o terceiro tema?

**Inês Martina Lersch:** O terceiro é a questão da alimentação de coletivos que preparam alimentos para pessoas em situação de rua. E aí fomos aqui para o Brooklyn, para o Viaduto Imperatriz Leopoldina, pertinho da UFRGS. Ali também passamos o dia - na Vila Nazaré inclusive promovemos o café da manhã, conversamos com moradores, com o pessoal da associação de moradores. No caso aqui do Brooklyn, passamos o sábado com eles. Ajudamos a organizar ali a distribuição das marmitas - foram mil ao todo! O público que recebeu as marmitas foram aposentados, imigrantes, pessoal em situação de rua. Aquilo foi muito impactante. Todos esses relatos estão no livro. Em 2019 nós fizemos o PUE, como carinhosamente chamamos o Práticas Urbanas

Emergentes, o ano II e aí nós nos concentramos nesse movimento de fazer vivência e depois oficina. No ano seguinte, nos dedicamos mais à Vila Nazaré, uma das remoções, e à Ocupação Povo Sem Medo. Então temos o livro, cujas atividades foram realizadas durante o ano de 2019. Em 2020, durante a pandemia, nós juntamos material, a ponto de termos o livro pronto, só não conseguimos fazer o seu lançamento. Tanto o primeiro como o segundo nós imprimimos na Gráfica da Universidade.

**Revista da Extensão:** Professora, para finalizarmos: qual tu consideras que é a principal importância do papel da extensão para interlocução entre universidade e sociedade?

**Inês Martina Lersch:** A extensão é inerente à nossa formação e à formação dos nossos alunos. Proporcionar essa relação sociedade-universidade, essa relação em que a Universidade não está à parte da sociedade, é muito importante.. A UFRGS formou milhares de profissionais já. E ela não pode ficar apática, principalmente nesse momento, agora, que está passando por grandes dificuldades econômicas, políticas, enfim. A sociedade é crucial no reconhecimento da Universidade como ente fundamental da sociedade do Rio Grande do Sul. ◀